

QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS: A RELEVÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO, EM PROL DA INCLUSÃO SOCIAL E IGUALDADE ÉTICO-RACIAL

Emanoelle Maria Brasil de Vasconcelos ¹

RESUMO

A literatura é fundamental na sociedade, pois, influencia o desenvolvimento humano e cultural. A princípio, como uma forma de expressão artística que nos permite explorar a criatividade, a imaginação e a emoção. E a posteriori, a literatura nos conecta com a história e a cultura de diferentes sociedades, uma vez que reflete as experiências humanas e os desafios enfrentados ao longo do tempo. O objetivo deste trabalho é analisar a importância do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus como ferramenta na educação, que busca transformar a (des)inclusão social e a desigualdade ético-racial. A obra retrata a dura realidade da escritora, uma mulher negra e pobre que viveu na favela do Canindé. Assim ao partirmos de uma perspectiva da literatura de escrita de si de uma autora da periferia amplificamos as vozes historicamente marginalizadas. Mediante à expressão literária, a mulher periférica tem a oportunidade de compartilhar sua narrativa, experiências e visões de mundo, de modo a desafiar estereótipos, preconceitos e estruturas de desigualdades. Isto porque, ao expor a exclusão social, as violações dos direitos humanos e as experiências culturais marginalizadas, o livro estimula a reflexão sobre a importância da inclusão, da igualdade e do respeito à diversidade. Através da literatura, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* promove a conscientização e a transformação social, contribuindo para uma educação mais justa e equitativa. Portanto, as diversas formas de expressão artística, como a literatura, têm o poder de moldar as perspectivas dos cidadãos sobre as desigualdades na sociedade. Ademais, proporcionam uma compreensão mais profunda do mundo, do Outro e de nós mesmos, e por conseguinte nos oferecem ferramentas para efetuar mudanças e transformar a realidade. Para tais reflexões, se faz necessário recuperar as contribuições teóricas de Todorov (2007), na importância da literatura, bell hooks (2019), nas questões de gênero e Akotirene (2019), na interseccionalidade.

Palavras-chave: Literatura, Inclusão Social, Igualdade, Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito explorar a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, com o intuito de analisar a relevância da literatura na educação, no sentido de promover a inclusão social e a igualdade ético-racial. Isto porque, autora, nascida em uma realidade marcada pela pobreza e pelo preconceito racial, emergiu como uma voz singular no panorama literário brasileiro ao

¹ Graduada em Letras língua portuguesa e francesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI-UEPB). E-mail: emanoellemaria@hotmail.com.

documentar sua vida no barraco onde habitava, da qual a obra impactante agora em análise é resultado.

Através de uma abordagem reflexiva, buscamos compreender como a literatura pode desempenhar um papel crucial na promoção da inclusão social, de maneira a contribuir para a quebra de estigmas e preconceitos. Além disso, será examinada a importância da obra de Carolina Maria de Jesus como uma ferramenta de ensino capaz de sensibilizar os leitores para as questões sociais e raciais presentes na sociedade brasileira. Isto porque, a literatura é uma ótima ferramenta para entender a condição humana, no sentido de que “a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (Todorov, 2009, p. 76).

A literatura, como expressão artística e cultural, desempenha um papel fundamental na reflexão sobre questões sociais e na construção de identidades. Nesta perspectiva, a obra *Quarto de Despejo* se destaca como um relato visceral da vida em condições de extrema pobreza e marginalização, de maneira a oferecer uma perspectiva autêntica e singular sobre a experiência da autora. A relevância dessa obra se encontra na capacidade que ela tem de despertar a consciência crítica dos leitores para as desigualdades sociais e as complexidades das relações raciais no Brasil, uma vez que, a “literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 1995, p. 254).

Ao adentrar nas páginas de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, somos convidados a refletir sobre as condições de vida enfrentadas pela autora e, por extensão, por muitos outros brasileiros marginalizados. Neste contexto, a literatura emerge como um instrumento transformador, capaz de gerar empatia, conscientização e, conseqüentemente, promover ações que busquem a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Isto porque, Maria Carolina de Jesus, viveu em um contexto histórico-social desafiador e marcado por profundas desigualdades. Ela nasceu em 1914, no estado de Minas Gerais. Ao longo da sua vida, a autora e catadora de papel enfrentou a dura realidade da pobreza e do preconceito racial. Em específico, sobre o período em que Carolina Maria de Jesus produziu *Quarto de Despejo*, isto é, entre décadas de 1950 e 1960, podemos destacar que foram anos caracterizados por intensas transformações sociais no Brasil. Dentre tais mudanças, ressaltam aos nossos olhos a urbanização acelerada, o crescimento das favelas e a persistência das disparidades socioeconômicas. Assim, os aspectos do contexto de Jesus configuraram um cenário borbulhante para a insurgência da expressão artística transgressora que buscava dar voz

às experiências marginalizadas. Outrossim, a obra de Carolina Maria de Jesus surge como um retrato autêntico das condições de vida nas periferias urbanas, oferecendo uma perspectiva única e impactante sobre a dura realidade enfrentada por muitos brasileiros.

Diante do exposto, a recepção da obra foi significativa não apenas pelo seu valor literário, mas também por sua capacidade de provocar reflexões profundas sobre as questões sociais e raciais do país, de modo a desafiar estigmas e ampliar o diálogo sobre inclusão e igualdade, a partir de um relato autêntico.

Dessa forma, este estudo visa destacar a importância da literatura como um agente de mudança na educação, promovendo a inclusão social e a igualdade ético-racial. Em razão, da Carolina Maria de Jesus, através de sua obra singular, proporcionar uma oportunidade para explorarmos as possibilidades educacionais que a literatura oferece, não apenas como uma expressão artística, mas como uma ferramenta potente na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho científico busca estabelecer uma conexão entre as contribuições teóricas e as informações empíricas, de modo a amalgamar o aspecto lógico com a realidade concreta, assim como, conectar conceitos abstratos a situações tangíveis, como preconizado por Severino (2013). O enfoque metodológico é predominantemente qualitativo, o que possibilita uma análise aprofundada no universo de significados das ações e relações humanas, conforme sugerido por Moreira e Caleffe (2008).

Outrossim, a abordagem qualitativa adotada nesta pesquisa visa debruçar-se no mundo de significados das ações e relações humanas presentes na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus. Como salientado por Moreira e Caleffe (2008), as ações humanas são baseadas em significados sociais, como crenças e intenções, e esses significados são moldados e transformados pela interação social. Nesse contexto, a análise qualitativa permite a compreensão mais profunda desses significados, contribuindo para a contextualização das experiências narradas pela autora.

A pesquisa bibliográfica desempenha um papel crucial na interpretação do objeto de estudo, ao explorar a narrativa literária de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. E por fim, o método consiste na análise crítica da obra de Carolina Maria de Jesus, com foco na compreensão dos elementos simbólicos e temáticos que permeiam as páginas do livro, no tocante a questões que envolvem racismo estrutural, interccionalidade e desigualdade social.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao analisar a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, podemos nos fundamentar em diversas correntes teóricas que lançam luz sobre a complexidade das experiências sociais, étnicas e de gênero.

No campo do pós-colonialismo, Edward Said (1995) destaca a importância da consciência de pertencer a um povo submetido como o cerne do nacionalismo anti-imperialista, um elemento que pode ser explorado para compreender a resiliência e a resistência presentes na narrativa de Carolina Maria de Jesus. Ademais, como nos alerta Chimamanda Ngozi Adichie (2009) sobre os perigos da história única, ressaltando a relevância de múltiplas narrativas para evitar estereótipos, a voz de Carolina de Jesus contribui para expressão das diversas alteridades. Assim, tal perspectiva enriquece a análise da representação das experiências periféricas na literatura, como as retratadas por Carolina Maria de Jesus em sua obra.

No tocante a relação entre a ética e literatura, podemos destacar a posição de Italo Calvino, em sua obra *Seis propostas para o próximo milênio* (1990), quando delineia uma série de valores fundamentais a serem preservados na literatura. Esses valores, segundo Calvino, são essenciais para a manutenção da riqueza e complexidade da expressão literária. No contexto da análise da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, esses valores propostos por Calvino fornecem um arcabouço conceitual valioso para avaliar a contribuição única da autora para o panorama literário brasileiro, uma vez que, as obras de Carolina Maria de Jesus se destaca por adotar uma voz autêntica e singular. Isto porque, a autora, por meio de sua escrita direta e visceral, oferece um olhar crítico sobre a realidade das periferias urbanas brasileiras; sua obra transcende as convenções literárias tradicionais, destacando-se pela autenticidade de sua narrativa diarística. Ao explorar os valores propostos por Calvino, como a originalidade e a capacidade de transmitir uma experiência singular, podemos compreender a riqueza intrínseca da expressão literária de Carolina Maria de Jesus.

Embora *Quarto de despejo* não tenha sido escrita com base nas propostas específicas de Italo Calvino, podemos explorar como alguns desses conceitos se relacionam com a obra de Carolina de Jesus. Assim, sobre a primeira proposta podemos destacar, que apesar de abordar temas difíceis como a pobreza e as condições precárias de vida, a escrita da autora muitas vezes é caracterizada por uma leveza peculiar; ela consegue transmitir a dureza de sua realidade de maneira direta, mas também usa uma linguagem simples e acessível. No tocante a segunda

proposta, podemos relacionar o diário de Jesus a uma escrita de forma direta e rápida, de maneira a representar seus pensamentos e experiências cotidianas; isto porque ela registra eventos quase em tempo real, proporcionando ao leitor uma visão imediata de sua vida na favela. No que se refere a terceira proposta, podemos observar que a descrição da vida na favela de Carolina de Jesus é fidedigna; ao passo que ela utiliza uma linguagem direta para transmitir suas experiências e as condições ao seu redor, de modo a buscar retratar com fidelidade o que ela vivencia. No que diz respeito a quarta proposta, a obra de Carolina de Jesus oferece uma visibilidade única à vida nas favelas brasileiras; à medida que suas descrições vívidas e detalhadas permitem que o leitor visualize e compreenda as condições de vida precárias enfrentadas por ela e sua comunidade. Embora, o diário seja predominantemente focado na vida de Carolina, ele também revela a multiplicidade de vozes e experiências dentro da favela, o que se coaduna com a quinta proposta de Calvino, outrossim Carolina de Jesus interage com outros moradores, retratando uma variedade de perspectivas; sem olvidamos que a própria voz de autora que outora seria a marginalizada, por não se encontrar dentro da literatura erudita, propociona uma pluralidade de vozes no contexto literário. E por fim, *Quarto de Despejo* é consistente na abordagem de Carolina em documentar sua vida na favela, o que se relaciona com a sexta e última proposta de Calvino, ademais, a coerência em sua narrativa contribui para a autenticidade e impacto da obra.

A autenticidade da voz de Carolina Maria de Jesus, ao abordar as condições de vida precárias e as complexidades das relações sociais, enriquece o panorama literário brasileiro ao trazer à tona perspectivas frequentemente marginalizadas. A capacidade de Carolina em comunicar de maneira única sua experiência pessoal, ao mesmo tempo em que faz uma crítica social contundente, alinha-se aos valores propostos por Calvino, destacando a importância de uma literatura transgrida o convencional e que seja capaz de refletir as nuances da experiência humana.

A escolha de Carolina Maria de Jesus por adotar a forma de um diário em *Quarto de Despejo*, como indica o subtítulo da obra, revela-se uma estratégia literária excepcional, de modo a proporcionar uma riqueza à narrativa. Essa decisão estrutural, conforme abordada por Lejeune (2008) e evidenciada na obra, assume relevância ao oferecer uma lente valiosa para a interpretação da experiência singular da autora. Outrossim, a estrutura fragmentada e diarística da escrita de Carolina Maria de Jesus reflete não apenas o estilo literário adotado, mas também a própria natureza de sua vida nas periferias urbanas. Os fragmentos diários, muitas vezes curtos e intensos, capturam instantâneos da existência, oferecendo ao leitor uma visão crua e imediata das condições de vida enfrentadas pela autora. A paritr de tal abordagem a obra proporciona

uma autenticidade inigualável, permitindo que o leitor mergulhe nas emoções, reflexões e desafios diários vivenciados por Carolina. A narrativa pessoal e íntima, que é inerente ao formato de diário, estabelece uma proximidade emocional entre a autora e o leitor. Ao compartilhar seus pensamentos mais íntimos, Carolina cria uma conexão direta, transformando a obra em uma experiência quase conversacional. Essa intimidade permite que o leitor não apenas testemunhe, mas também internalize as complexidades da vida nas periferias urbanas, oferecendo uma janela para a humanidade compartilhada, muitas vezes esquecida ou marginalizada.

O gênero diário além de íntimo também é lacunar (Lejeune, 2008), a presença de lacunas na narrativa diarística de Carolina Maria de Jesus não apenas sugere a autenticidade do relato, mas também convida o leitor a preencher essas lacunas com suas próprias interpretações e experiências. Essa abertura para inferências pessoais ressoa com as complexidades inerentes à vida urbana marginalizada, onde as histórias são frequentemente fragmentadas e os significados são construídos em meio a lacunas sociais e econômicas.

Assim, a opção pelo formato de diário não é apenas uma escolha estilística, mas uma expressão consciente da realidade vivida por Carolina Maria de Jesus. Sua escrita diarística não apenas registra eventos, mas oferece um testemunho íntimo e autêntico de uma vida marcada por desafios e resistência. Nesse contexto, a estrutura fragmentada do diário torna-se uma poderosa ferramenta narrativa, proporcionando uma compreensão mais profunda e visceral das complexidades da vida nas periferias urbanas brasileiras.

Sob a perspectiva da interseccionalidade, conforme discutida por Akotirene (2019), podemos tecer um quadro analítico crucial para entender as múltiplas formas de opressão e privilégio entrelaçadas nas experiências das pessoas. Isso é especialmente relevante ao examinar as dimensões raciais e de gênero na obra de Carolina Maria de Jesus, proporcionando uma análise mais abrangente de sua posição na sociedade brasileira.

No contexto de *Quarto de Despejo*, a obra de Carolina Maria de Jesus proporciona uma visão única das experiências de uma mulher negra e pobre na periferia, destacando a marginalização que as mulheres em situações semelhantes enfrentam. A narrativa de Carolina se coaduna com as ideias de bell hooks (2019) ao centrar a discussão feminista nas experiências das mulheres marginalizadas, evidenciando a interseccionalidade das opressões que elas enfrentam, como a pobreza, a maternidade solo e a discriminação racial. Ao considerar esses aspectos, a obra de Carolina Maria de Jesus, de certa forma, incorpora a perspectiva proposta por bell hooks (2019) ao trazer as vozes das mulheres marginalizadas para o cerne das discussões feministas.

Porquanto, a intersecção de raça e gênero, conforme proposta por Sudbury (2005), oferece um arcabouço teórico para compreender as categorias complexas originadas desse entrelaçamento. A obra de Carolina Maria de Jesus pode ser explorada sob essa perspectiva, lançando luz sobre as experiências específicas das mulheres negras nas periferias urbanas brasileiras. Essas teorias fornecem um quadro robusto para analisar e interpretar a riqueza narrativa e as implicações sociais de *Quarto de Despejo*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra de Carolina Maria de Jesus é marcada por uma autoridade e legitimidade incontestáveis, resultantes de seu relato visceral da pobreza periférica sob a perspectiva única de uma mulher negra, cuja voz foi por muito tempo silenciada. A autenticidade de suas palavras não apenas reflete sua experiência pessoal, mas também se torna um testemunho representativo das vozes marginalizadas, conferindo à autora uma posição singular no panorama literário.

Explorando o imaginário social do século XX, a obra de Carolina Maria de Jesus proporciona uma visão penetrante do cotidiano da pobreza material de dentro da favela. Seu agudo senso crítico e poder de observação conduzem a uma reflexão profunda sobre as desigualdades sociais, raciais e de gênero, transcendendo a mera documentação histórica e transformando-se em um instrumento vivo que ecoa as persistências dessas desigualdades na sociedade contemporânea.

A presença constante e irritante da fome, que perpassa todos os dias relatados no diário, é uma das características mais angustiantes no registro de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo*, caracterizada como a escravização moderna, pois, a diarista constata que “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!” (Jesus, 2014, p. 27). A autora destaca a fome como uma presença inescapável que permeia cada aspecto de seu cotidiano e o de seus vizinhos, seja na ausência do quê comer ou na insegurança alimentar de se no dia seguinte haverá recursos materiais para se alimentarem, ao passo que pondera que “Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino, marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel” (Jesus, 2014, p. 38).

Ademais, Carolina de Jesus não apenas registra a falta de alimentos, mas também compartilha a agonia física e emocional que a fome provoca. Ela descreve a sensação de fraqueza, a tontura persistente e a constante busca por qualquer tipo de alimento que possa aliviar temporariamente a dor da fome, dentre diversos exemplos podemos destacar o trecho: “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a

da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago” (Jesus, 2014, p. 38); de tal modo que a tontura provocado pelo álcool sugere uma fuga momentânea, isto é, uma válvula da escape, diante das adversidades, enquanto que, a tontura da fome é retratada como algo mais angustiante, à medida que é uma sensação indutora de tremores, destaca a extensão do sofrimento.

Em uma perspectiva mais ampla de análise, a irritante presença da fome não é apenas uma narrativa pessoal, mas torna-se um reflexo contundente das desigualdades sociais e econômicas presentes na sociedade brasileira da época. Carolina destaca como a fome não é apenas uma questão individual, mas um fenômeno sistêmico que afeta toda a comunidade. A escassez de recursos básicos, a falta de acesso a alimentos nutritivos e as condições de vida precárias se tornam sintomas de uma estrutura social que perpetua a privação e marginalização.

Além disso, a presença constante da fome na narrativa de Carolina Maria de Jesus serve como um grito de denúncia contra a indiferença social. A autora expõe a desconexão entre a elite política e econômica e a realidade vivida nas favelas, onde a fome é uma companheira implacável. Essa denúncia não apenas destaca a urgência de medidas sociais e econômicas, mas também ressalta a resistência e a resiliência daqueles que enfrentam a fome diariamente.

A crítica direcionada a política vigente se destaca na obra através do descompromisso dos políticos com a justiça social e a igualdade de oportunidades. Carolina Maria de Jesus retrata vividamente a desconexão entre os representantes eleitos e a população que os colocou no poder, fazendo uma crítica contundente à falta de compromisso político, uma vez que os candidatos utilizam o discurso de combate a fome e a pobreza, pois, a maioria deles “já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade” (JESUS, 2014, p. 33). Essa abordagem convida à reflexão sobre a necessidade de líderes comprometidos com mudanças efetivas na estrutura social.

Além das questões políticas, a crítica social é contundente em relação a vulnerabilidade das mulheres periféricas, tema central na obra. A autora de *Quatro de despejo* expõe, por meio das histórias das vizinhas, a violência doméstica e o silenciamento das vozes femininas em relacionamentos abusivos. Sob este recorte, observemos a personagem Sílvia, sobre a qual Jesus escreve “A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam” (Jesus, 2014, p. 11), o trecho descreve de modo sarcástico a briga entre Sílvia e seu esposo, visível para todos na vizinhança como um espetáculo público, a revelação de que o esposo nestas ocasiões espanca a esposa, Sílvia, mantém a gravidade do contexto, enquanto a revolta da narradora em relação ao impacto nas crianças

permanece como um elemento preocupante. Ainda, sob esta temática, outra personagem merece destaque, a Dona Nena, que destaca as complexidades das relações de gênero, oferecendo uma visão contundente das lutas enfrentadas por mulheres nas comunidades periféricas. Vejamos o excerto a seguir:

O senhor Alexandre começou a bater na sua esposa. A Dona Rosa interviu. Ele dava ponta-pé nos filhos. Quando ele ia enforcar a Dona Nena, a Dona Rosa pediu socorro. Então o soldado Edison Fernandes foi pedir ao senhor Alexandre para não bater na sua esposa” “Mulher depois que casa é para suportar o marido e eu não adimito soldado dentro da minha casa. Você está interessado na minha mulher? (Jesus, 2014, p. 81)

O trecho apresenta uma cena angustiante de violência doméstica protagonizada pelo senhor Alexandre, que agride brutalmente sua esposa e filhos. A intervenção corajosa de Dona Rosa e a posterior chamada de socorro ao soldado Edison Fernandes destacam a necessidade de intervenção externa diante da gravidade da situação. No entanto, a resposta do agressor, acusando o soldado de interesse na esposa, revela não apenas a recusa em reconhecer a própria violência, mas também uma mentalidade machista e controladora. A frase final, que sugere que a mulher deve suportar o marido após o casamento, enfatiza uma visão ultrapassada e prejudicial sobre os papéis de gênero.

E por fim, a personagem Laura, ao representar o abandono parental e a maternidade solidária, adiciona uma camada emocional à narrativa. Sua decisão de criar o filho de outra mulher após a perda de seu próprio filho na maternidade explora as nuances da maternidade em meio às adversidades da periferia urbana. Laura personifica a generosidade e as complexidades das relações maternas em um contexto de escassez e desafios, ampliando a compreensão da maternidade para além das convenções tradicionais. Observemos o trecho em que Carolina de Jesus conta a história:

A mulher disse que veio do Norte. Virgem. Chegou em São Paulo arranhou aquele filho. E o pai da criança não queria casar-se com ela. Que seus pais queriam que ela voltasse para o Norte. E ela ia voltar para o Norte, mas não queria levar o filho. Se a Laura queria o menino ela dava-o. A Laura aceitou (Jesus, 2014, p. 159).

O excerto do diário ressalta a difícil situação de uma mulher que migrou do Norte para São Paulo e enfrenta desafios decorrentes da maternidade. A recusa do pai da criança em se casar com ela, as pressões familiares para que retorne ao Norte e a decisão de voltar, mas sem levar o filho, apontam para complexas dinâmicas sociais e pessoais. A oferta de Laura para

cuidar da criança evidencia uma forma de solidariedade feminina diante das adversidades, ressaltando temas como responsabilidade paterna, pressões culturais e a busca por apoio entre mulheres em situações desafiadoras. Assim, Jesus sugere a presença de sororidade e maternidade solidária. A sororidade, termo que se refere à solidariedade entre mulheres, é evidente na atitude de Laura ao aceitar a responsabilidade pela criança, demonstrando um apoio mútuo em meio às dificuldades. Na mesma direção, a oferta de Laura para cuidar do filho de Outra mulher, mesmo quando o próprio pai da criança se recusa a assumir o compromisso, destaca a importância da união entre mulheres em situações desafiadoras, promovendo a ideia de que, ao enfrentar adversidades, é possível encontrar apoio e compreensão entre elas. Essa maternidade solidária destaca-se como uma forma de resistência e cuidado coletivo, onde a responsabilidade pela criança é compartilhada para além dos limites tradicionais da família nuclear, ressaltando a importância da rede de apoio entre mulheres em contextos sociais complexos. Essa abordagem solidária da maternidade reflete não apenas a compreensão das dificuldades enfrentadas por mães solteiras, mas também a busca por soluções colaborativas e empoderamento feminino dentro de comunidades que enfrentam adversidades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreendemos desta breve análise de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que dada a sua riqueza de temáticas sociais e políticas, quando trabalha em contexto educacional, a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e a igualdade, proporcionando uma compreensão mais profunda das diversidades presentes na sociedade. Assim, a obra de Carolina Maria de Jesus pode ser incorporada no processo educativo, enriquecendo o aprendizado dos estudantes e estimulando discussões significativas sobre temas como pobreza, racismo e exclusão social.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.
- BELL HOOKS. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectivas, 2019.



CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio: Lições Americanas*. Trad.: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das letras, 1990

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995. p. 253-263.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia científica para o professor pesquisador**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SUDBURY, Julia. **Outros tipos de sonhos: organizações de mulheres negras e políticas de transformação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.